



## MARCAS QUE FICARAM NOS CORPOS: NARRATIVAS DE PROFESSORES DE MATEMÁTICA SOBRE O EXERCÍCIO DA DOCÊNCIA DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19

### MARKS THAT REMAINED ON THE BODIES: NARRATIVES OF MATHEMATICS TEACHERS ABOUT THE EXERCISE OF TEACHING DURING THE COVID-19 PANDEMIC

Carla Gebhardt Gehling<sup>1</sup>; Rafael Montoito<sup>2</sup>

#### RESUMO

O artigo apresentado é recorte de uma dissertação que se utilizou da História Oral para conhecer a narrativa de alguns professores de matemática dos anos finais do ensino fundamental, da cidade gaúcha de São Lourenço do Sul, acerca das suas vivências profissionais durante a pandemia de COVID-19. O objetivo principal da pesquisa era identificar as marcas que ficaram nos corpos dos professores. Foram entrevistados quatro professores e, após transcrição das suas falas, foi utilizada a metodologia de Análise do Conteúdo para se produzir interpretações desses dados. As narrativas relatam vivências que possibilitam se ter um vislumbre da realidade dos profissionais das escolas municipais e estaduais, do centro da cidade e da comunidade rural. Com relação ao físico, os relatos descrevem sintomas de pressão alta, dores no corpo, ardência nos olhos e alteração nos níveis de colesterol; no que tange ao emocional, foram relatadas sensações de medo, angústia, irritação, decepção, estresse, insônia e ansiedade.

**Palavras-chave:** Narrativas de professores, COVID-19, Marcas emocionais, Marcas físicas.

#### ABSTRACT

The article presented is an excerpt from a dissertation that used Oral History to know the narrative of some mathematics teachers in the final years of elementary school, in the city of São Lourenço do Sul, in the state of Rio Grande do Sul, about their professional experiences during the COVID-19 pandemic. The main objective of the research was to identify the marks that remained on the teachers' bodies. Four teachers were interviewed and, after transcribing their speeches, the Content Analysis methodology was used to produce interpretations of these data. The narratives report experiences that make it possible to have a glimpse of the reality of the professionals from municipal and state schools, of the city center and of the rural community. Regarding the physique, the reports describe symptoms of high blood pressure, body aches, burning eyes and

<sup>1</sup> Mestra em Educação (PPGEdu - IFSul). Professora da rede pública e da rede privada na cidade de São Lourenço do Sul, Rio Grande do Sul, Brasil. Endereço para correspondência: Rua Irmão Júlio, 1822, São Lourenço do Sul, Rio Grande do Sul, Brasil. CEP: 96170-000. E-mail: [carla.g.gehling@gmail.com](mailto:carla.g.gehling@gmail.com). ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-3089-5506>.

<sup>2</sup> Doutor em Educação para a Ciência (UNESP). Professor no Programa de Pós-graduação em Educação (PPGEdu - IFSul) e na Coordenadoria de Matemática (CINATMAT - IFSul). Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense (IFSul), Pelotas, RS, Brasil. Endereço para correspondência: Rua Paulo Marques, 403/201, Bairro Três Vendas, Pelotas, RS, Brasil, CEP: 96020-230. E-mail: [xmontoito@gmail.com](mailto:xmontoito@gmail.com). ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-3294-3711>.



changes in cholesterol levels; regarding the emotional, feelings of fear, anguish, irritation, disappointment, stress, insomnia and anxiety were reported.

**Palavras-chave:** Teacher narratives, COVID-19, Emotional marks, Physical marks.

## **Introdução**

Este artigo deveria ter sido escrito há algum tempo, mas seu “atraso” nada mais é do que uma evidência de alguns dos pontos que serão discutidos nele mesmo. São trazidas, neste texto, algumas reflexões acerca das atividades docentes durante a pandemia de COVID-19 e sobre o quanto, de lá para cá, o trabalho do professor se avolumou. Consciente se está de que os ambientes virtuais estão naturalizados e cada vez mais presentes na escola; porém, em contrapartida, da época do Ensino Remoto Emergencial (ERE) até os dias atuais, cada vez mais circula um discurso velado da necessidade de os professores “desenvolverem” novas habilidades, algo para o que contam com pouco (ou nenhum) apoio das instituições em que trabalham.

Reverberações da pandemia podem ser percebidas nos professores que, não por seus desejos expressos, “viraram” youtubers ou tiktokers (Silva, 2020). Mais do que nunca, dos professores têm sido exigido uma postura multitasking (multitarefa), que “não representa nenhum progresso civilizatório. [...] Trata-se antes de um retrocesso” (Han, 2017, p. 31-32) que incrementa “a sociedade do cansaço, enquanto uma sociedade ativa, [a qual] desdobra-se lentamente numa sociedade do doping” (Han, 2017, p. 69), cujo “excesso do desempenho leva a um infarto da alma” (Han, 2017, p. 71). Neste sentido, está-se caminhando na contramão do que Russell (2002) já defendia, quando advogava pela diminuição da jornada de trabalho para o alargamento das horas dedicadas a um ócio criativo.

Por esses motivos julga-se apropriado, agora, quando se está levemente distanciado no tempo da pandemia que assolou o mundo em 2020, voltar à dissertação defendida pela primeira autora deste artigo para provocar discussões sobre um tempo recente que, ao que parece, a maioria das pessoas trata como se tivesse sido finalizado com êxito, e cujas consequências foram superadas. Neste sentido, o artigo aqui proposto dialoga com a História do Tempo Presente, haja vista que, “de fato, a marca central da História do Tempo Presente – sua imbricação com a política – decorre da circunstância de estarmos, sujeito e objeto, mergulhados em uma mesma temporalidade, que, por assim dizer, ‘não terminou’ ” (Fico, 2012, p. 45). Aqui, invocamos o historiador francês Michel de Certeau (2011, p. 71), que adverte que “se o passado (ao ter lugar e forma em um



momento decisivo no decorrer de uma crise) é recalcado, ele retorna, mas sub-repticiamente, ao presente do qual havia sido excluído”. Outrossim, entende-se que não é possível – e nem se deve – esquecer o que a sociedade brasileira, incluindo os professores, passaram durante aquela pandemia.

Feito este rápido preâmbulo, ressalta-se que o artigo aqui apresentado é recorte de uma dissertação que se utilizou da História Oral para conversar com professores de matemática da cidade de São Lourenço do Sul (RS), acerca de suas vivências profissionais durante o tempo da pandemia de COVID-19. As falas dos professores extravasam suas vidas pessoais e tocam em outros assuntos atinentes à rotina escolar daqueles dias, como o comportamento dos alunos, as decisões das equipes gestoras, os documentos normativos para a educação publicados à época etc. Todavia, devido à limitação de páginas, este texto deixa estes elementos de lado para focar apenas na figura do professor.

A referida pesquisa foi desenvolvida junto ao GENEP – Grupo de Estudos em Narrativas e Educação na Pós-modernidade<sup>3</sup>, visando responder à questão: *O que as narrativas dos professores permitem inferir sobre as marcas da pandemia da COVID-19 sobre o corpo dos professores de matemática do ensino fundamental?* Escolheu-se esta temática ligada ao “corpo” do professor porque desejava-se falar deste tempo vivido a partir de uma outra ótica que não as que já estavam sendo abordadas em diversas pesquisas da época, que versavam sobre novas tecnologias, o que o professor precisava aprender naquele momento, novas metodologias de ensino, dificuldades constatadas no ensinar e aprender mediado por telas etc.

Sendo assim, o objetivo deste texto é resgatar a fala dos professores entrevistados e contar como seus corpos (física e emocionalmente) foram atravessados por aquele momento histórico. Para isso, o artigo está dividido em três partes: na primeira, recapitula-se o cenário da pandemia de COVID-19 e alguns de seus impactos para a educação brasileira; na segunda, são expostas as metodologias de produção e coleta de dados; na terceira, são analisadas as falas dos professores entrevistados.

---

<sup>3</sup> <https://sites.google.com/view/genep>



## A pandemia de COVID-19 e seus impactos na educação

O filósofo contemporâneo Edgar Morin, na época da pandemia, publicou um excelente livro sobre os impactos dela nos mais diversos setores da sociedade. Em *É hora de mudarmos de via*, ele lembra: “toda a vida é uma aventura incerta: não sabemos de antemão o que serão para nós a vida pessoal, a saúde, a atividade profissional, o amor, nem quando ocorrerá a morte, ainda que seja indubitável” (Morin, 2020, p. 26). Nessa perspectiva, entende-se que o futuro é inesperado, mas também é possível perceber que se vive em incessante aprendizado, a partir do que se pode refletir sobre caminhos, condutas, atuais necessidades e valorização de cada instante da vida. A pandemia que se alastrou por todos os continentes em 2020, proveniente do coronavírus, trouxe a certeza de que o mundo que viria a seguir não seria o mesmo dos anos anteriores, o que logo foi sentido no campo da educação.

Foi de arranco que tudo aconteceu: aquele desequilíbrio analgésico tornou-se vertigem e queda. Que as relações dos humanos entre si e destes com a natureza andavam tortas, disso sabíamos há tempos. Tomemos como evidências a desigualdade social repugnante e o fogo queimando matas, bichos e gentes. A multiplicação de um vírus agressivo, o adoecimento em massa, o despautério e a insuficiência ou inexistência de sistemas públicos de saúde [...] Pronto: estamos no ano de 2020 (Affonso, 2021, p. 8-9).

A pandemia escancarou a desigualdade social: as pessoas com menor renda não puderam atender às orientações de isolamento social, pois viviam do trabalho informal; muitas delas eram, ainda, vítimas da exclusão digital e, como afirmaram Couto, Couto e Cruz (2020), as condições de vida são fatores que marcam e distinguem as pessoas.

Considerando a responsabilidade social da educação para com a formação integral do indivíduo e a imposição de uma nova adequação neste contexto de pandemia, foi necessário que se desenvolvesse um plano para minorar os danos educacionais e tentar reduzir, assim, os prejuízos na aprendizagem, priorizando a não paralisação total das aulas. Neste cenário, as aulas emigraram para os ambientes virtuais, prática essa que conquistou relativa notoriedade, uma vez que o ensino formal no Brasil e no mundo teve que se habituar à modalidade não presencial.

Para mais, a pandemia revelou inúmeros problemas sociais em diferentes classes e profissões, de modo que a situação dos docentes não foi exceção: o exercício pedagógico do professor foi amplamente atravessado pelo que estava acontecendo, pois diversos obstáculos novos emergiram. Com a extensão da duração da pandemia,



sensações de desagrado, temor, inquietação, expectativa etc. foram amplamente vivenciadas, de maneira individual e/ou coletiva, devido ao distanciamento social, algo até então inimaginável.

Bauman (2007, p. 99) ajuda a refletir sobre as reações que o homem tem ao inesperado:

Todos nós estamos acostumados com ocasiões desagradáveis e desconfortáveis em que as coisas ou pessoas nos causam preocupações que não esperaríamos, e certamente não desejaríamos, que causassem. O que torna essas adversidades (“golpes do destino”, como às vezes a chamamos) particularmente incômodas é que elas chegam sem aviso [...]. Elas nos atingem, como dizemos, “como um raio em céu azul” – de modo que não podemos tomar precauções e evitar a catástrofe, já que ninguém espera que caia um raio quando o céu está sem nuvens.

Logo, a pandemia do COVID-19 instalou-se no convívio da sociedade inesperadamente e a atingiu diretamente, alterando o modo de vida. Assim, há poucos anos, não se imaginava que esta situação seria vivenciada e não se poderia pressupor como seria o futuro da educação. Hoje já parece mais claro que a propagação da educação por meios digitais vai se estender e será uma tendência, pois, com o cancelamento emergencial das aulas presenciais, a influência das tecnologias parece ter despertado uma exigência que será assumida como básica, a qual dificilmente será abandonada pós-pandemia: a virtualização cada vez maior dos espaços e práticas de aprendizagem.

Um marco para esta mudança pode ser lido na portaria nº 343, publicada no Diário Oficial da União, na qual se lê:

Art. 1º: Autorizar, em caráter excepcional, a substituição das disciplinas presenciais, em andamento, por aulas que utilizem meios e tecnologias de informação e comunicação, nos limites estabelecidos pela legislação em vigor, por instituição de educação superior integrante do sistema federal de ensino, de que trata o art. 2º do Decreto nº 9.235, de 15 de dezembro de 2017 (Brasil, 2020, p. 1).

O período de autorização de que tratava o *caput* era de até trinta dias, prorrogáveis, a depender de orientação do Ministério da Saúde e dos órgãos de saúde estaduais, municipais e distrital, mas acabou sendo alargado em vários meses. As principais mudanças descritas na portaria estavam relacionadas às práticas de ensino: o que era ensinado no modo presencial “passou” para o modo remoto, por meio das videoaulas, que configuraram diferentes maneiras de trazer a escola até o aluno. Conforme Zizek,



Como o cansaço depressivo é causado por nossa autoexposição permanente, exigida pelo capitalismo tardio, nós poderíamos ter imaginado que confinar-se rimaria com aliviar-se, que o isolamento social permitiria um escape para a pressão causada pela demanda por resultados. Ora, o efeito do confinamento foi praticamente o contrário: nossas relações profissionais e sociais foram, em grande medida, transferidas para o Zoom e para outras redes sociais, onde continuamos a brincar de autoexposição com um zelo ainda maior, prestando muita atenção à figura que apresentamos [...]. De uma maneira paradoxal, a lógica da contínua encenação de si mesmo foi reforçada pelo confinamento e pelo *home office*: nos esforçamos para “brilhar” no Zoom, e acabamos esgotados, sozinhos, em casa... (Zizek, 2021, online).

Para os professores, não foi perguntado se queriam estar lecionando desta forma, em videoaulas: esta virou a nova ordem. O caos se instalou e, de certo modo, pode-se afirmar que os professores foram “obrigados” a lecionar nestas condições, o que causou a sobrecarga destes profissionais, pois foram múltiplas as adversidades nesta trajetória. Surgiu então um mal-estar avassalador, vivenciado pelos professores que tentavam tornar o seu conhecimento apropriado para o mundo virtual, na condição desordenada frente às urgências estabelecidas.

Agravando estas questões, percebeu-se que havia “barreiras”, que impossibilitavam ou dificultavam que todos tivessem acesso à educação, embora algumas ações tenham sido pensadas para minimizá-las: no caso específico do RS, o governo do estado disponibilizou acesso gratuito à internet para alunos e professores, conforme anunciou o site da secretaria de educação:

Com um investimento de mais de R\$ 8,5 milhões, o serviço de internet patrocinada já está disponível para garantir o acesso de estudantes e educadores às Aulas Remotas em todo o Rio Grande do Sul. A ação [...] beneficiará os 820 mil alunos e os mais de 60 mil professores da Rede Estadual (Rio Grande do Sul, 2021).

Em verdade, viveu-se uma educação que foi “imposta” em condições atribuladas e inesperadas, com estratégias e medidas provisórias, para a qual professores e alunos não estavam preparados. Na condição do ERE, criou-se uma necessidade de se reorientar o papel do professor. Os desdobramentos disso aparecem no alerta de Valentim:

Quero com isso já adiantar que a pandemia de COVID-19 constitui o elemento desencadeador de todas as ansiedades, angústias, medos, surpresas, repúdios, curiosidades, empatias e solidariedades diante das situações vividas no cotidiano particular de cada uma das personagens (Valentim, 2021 p. 16).

Os governantes entenderam que a educação não podia parar e, dentro desta perspectiva, além do progressivo esgotamento das exigências pelo desempenho do



professor, para muitos foi o cotidiano um péssimo desafio a enfrentar, uma vez que, dentre tantos afazeres, ainda era necessário lutar pela sobrevivência, “desviando” do contágio e do medo da morte.

Enquanto se travava essa batalha pela vida, nas salas de aula virtuais, de um lado encontrava-se o professor, que arduamente se encorajava para ministrar as aulas e, do outro lado, o aluno que as assistia; esse processo, por diversas vezes, acabou desmotivando a muitos, por conta dos resultados obtidos. Em vários casos, aliou-se a ambos a falta de infraestrutura apropriada em suas casas, o que foi um dificultador para o desenvolvimento das atividades tanto de quem ensinava quanto de quem aprendia. A este quadro agregou-se o fato de que as escolas não tinham infraestrutura adequada para receber alunos e professores durante a pandemia, quando se começou a ensaiar os retornos “controlados”, conforme ressaltam Rondini e Silva (2022):

Diante do orçamento do governo para a educação e as regras de controle sanitário para aulas presenciais, as quais continuariam em um formato híbrido, eu me pergunto: será que nossas escolas têm condições de infraestrutura, para garantir a segurança de professores e alunos? Quais serão as medidas, sobretudo as financeiras, adotadas pelo governo para garantir uma educação de qualidade e segurança, durante a pandemia? E, principalmente, a quem interessa a volta às aulas, durante a pandemia da COVID que já matou mais de 400 mil pessoas? (Rondini; Silva, 2022, p. 117).

Estas indagações também foram feitas por diversos professores, que não estavam dispostos ao retorno das aulas presenciais, visto que, mesmo com a vacinação de todos os profissionais, não tinham garantida a própria segurança. Muitos, ao não quererem voltar às aulas presenciais, estavam simplesmente lutando pelo direito à vida, contudo eram tomados, pelo discurso público, como preguiçosos ou estando indiferentes à rotina escolar. Apesar das tensões e embates, os professores não tiveram a opção do não retorno às aulas: a eles foi imposto este regresso, o que tornou a volta às aulas um tormento e uma insegurança muito grandes, com relação à vida de cada indivíduo.

Não é de se surpreender que este quadro tenha afetado sobremaneira os professores, deixando marcas fortes e dolorosas em seus corpos. Os professores que colaboraram com a dissertação realizada relataram como se sentiram, e são testemunhas vivas de um período excruciante da humanidade, como se verá nas próximas seções.



### Passos da pesquisa: produção e análise de dados

A História Oral (HO) consiste no diálogo entre os entrevistados e o pesquisador/entrevistador, o que produz fontes orais para serem, por esse, analisadas. É um processo pedagogicamente potente no qual os anseios, expectativas e emoções de ambos se manifestam e se entrecruzam. Thompson (1992) afirma que as fontes orais, oriundas das entrevistas, são cocriadas pelo entrevistador e pelo entrevistado. Realizar entrevistas é uma tarefa desafiadora, já que

Há algumas qualidades essenciais que o entrevistador bem-sucedido deve possuir: interesse e respeito pelos outros como pessoas e flexibilidades nas reações em relação a eles; capacidade de demonstrar compreensão e simpatia pela opinião deles; e, acima de tudo, disposição para ficar calado e escutar (Thompson, 1992, p. 254).

Por conseguinte, o entrevistador necessita ponderar sobre a sua prática, ficando atento às emoções e registrando o que vai ao encontro do tema em estudo. A “voz do passado tem importância para o presente” (Freitas, 1992, p. 17), mesmo este passado sendo bastante recente, como é o caso desta pesquisa, que delimitou o tempo de 2020 a 2022 como sendo o investigado. E é neste contexto que a HO mostra-se

[...] um método bastante promissor para a realização de pesquisa em diferentes áreas. É preciso preservar a memória física e espacial, como também descobrir e valorizar a memória do homem. A memória de um pode ser a memória de muitos, possibilitando a evidência dos fatos coletivos (Freitas, 1992, p. 17).

Desta maneira, as narrativas de alguns professores de São Lourenço do Sul podem vir, futuramente, a servir de material de pesquisa para demais professores que vivenciaram situações, semelhantes ou contrárias, em território nacional<sup>4</sup>.

O grupo de sujeitos colaboradores dessa pesquisa foi formado por quatro professores de matemática do ensino fundamental da cidade de São Lourenço do Sul (RS), que lecionavam do 6º ao 9º ano. Todas as entrevistas foram realizadas presencialmente, pois os professores se sentiram à vontade para encontrar a primeira autora deste artigo, uma vez que todos já haviam sido vacinados. As entrevistas foram gravadas utilizando-se de um celular e, depois, transcritas, para facilitar as análises.

---

<sup>4</sup> As entrevistas foram transcritas na íntegra e podem ser consultadas no Apêndice da dissertação *Narrativas de professores de matemática sobre o exercício da docência no período pandêmico: marcas que ficaram nos corpos*, defendida no Programa de Pós-graduação em Educação (IFSul).



No início do diálogo, foi solicitado aos entrevistados que contassem um pouco sobre a sua vida de docente, abordagem pensada para que se sentissem à vontade; após este primeiro momento, foram feitas perguntas mais direcionadas, que abordavam suas práticas pedagógicas durante o tempo da pandemia. Os professores, conforme Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado por todos, tiveram suas identidades preservadas na escrita da dissertação e, para isso, cada um deles foi associado a uma letra grega, de modo que suas respostas aparecem como professores  $\alpha$  (Alpha),  $\gamma$  (Gama),  $\beta$  (Beta) e  $\delta$  (Delta). Cada entrevistado vivenciou situações que devem ser ponderadas e respeitadas, visto que são distintas, íntimas e particulares, embora se refiram a um mesmo acontecimento: a pandemia. Neste sentido, conforme Alberti (2005),

O fato de determinada questão constar no roteiro geral não significa, portanto, que será tratada da mesma forma em todas as entrevistas, nem tampouco que terá pesos iguais. Ao contrário: a preocupação em abordá-la permite justamente que se comparem versões diferentes sobre o mesmo assunto, dadas pelas posições também diferentes que os entrevistados ocupam e ocupam em relação ao tema (Alberti, 2005, p. 84).

As entrevistas, realizadas entre novembro de 2021 e janeiro de 2022, possibilitaram que se encontrasse diversidade nas experiências narradas pelos docentes, visto que eles atuavam em escolas de redes diferentes (estadual e municipal) e em realidades distintas (escolas na cidade e na região do interior). Para analisá-las e, a partir delas, elaborar algumas interpretações e significados, foi utilizada a Análise de Conteúdo (AC) (Bardin, 1977), método que permite ao pesquisador a elaboração da hipótese e o planejamento das estratégias de estudos do material produzido (entrevistas), num exercício que busca “enxergar” nas entrevistas elementos que validem ou não as hipóteses levantadas. No caso desta pesquisa, a hipótese elaborada foi a de que *A pandemia de COVID-19 havia deixado marcas sensíveis nos corpos dos professores*.

As fases da AC, apresentadas a seguir, possuem rigor na organização e na investigação, pois ela é uma metodologia que “trata de estabelecer um programa que, podendo ser flexível [...], deve, no entanto, ser preciso” (Bardin, 1977, p. 124). Deste modo, a partir das indicações da autora, foi criado e adequado o fluxograma abaixo para a pesquisa, a partir do material empírico produzido.



Figura 1 – Organização das Etapas da Análise de Conteúdo



Fonte: Gehling (2022; adaptado de Bardin, 1977)

Comentando brevemente estas fases, é preciso destacar que a Pré-análise compreende toda a seleção de material utilizado na pesquisa, ou seja, tanto os textos lidos para a elaboração do seu referencial teórico e os documentos normativos publicados por órgãos do governo quanto a transcrição das entrevistas. Estes são os documentos que o pesquisador teve à disposição para, a partir deles, elaborar sua hipótese (já mencionada) e objetivos, além de “testar” possíveis referentes e indicadores (no caso desta pesquisa, eles se mostraram como algumas palavras-chave que emergiram das entrevistas).

Após realizar algumas leituras das entrevistas, foram elaborados os indicadores da pesquisa, que, considerando “Marcas no Corpo” como uma categoria central, estabeleceram duas subcategorias: “físicas” e “emocionais”. É importante ressaltar que, em algumas vezes, os indicadores não apareceram na forma destas palavras, mas por meio de outras palavras ou expressões que possibilitaram compreender que determinada parte de uma fala fazia referência a uma marca física ou emocional. Compreendem-se estas variações de palavras como enunciados diferentes, mas que apontam na mesma direção, a partir dos movimentos de exploração do material. Neste sentido, a categoria principal “Marcas no Corpo” foi dividida em duas subcategorias, “Emocional” e “Físico”<sup>5</sup> a partir das unidades de registro, que também emergiram, trazendo à tona variadas sensações

<sup>5</sup> As subcategorias foram adotadas, nesta pesquisa, como uma opção pedagógica para que fosse possível abordar e analisar as falas dos professores entrevistados. Contudo, não é possível assumir que “emocional” e “físico” sejam duas categorias que nunca se relacionam, como se uma não implicasse, ao menos por vezes, na outra; inclusive o leitor perceberá, em algumas falas, o modo como os professores relatam uma forte relação entre o corpo físico e as sensações emocionais. As transcrições mantêm, sempre que possível, a fala dos professores, privilegiando a linguagem oral ao invés da gramaticalmente formal.



experienciadas pelos professores. O processo de construção das categorias aparece representado na Figura 2.

Figura 2 – Categorias emergentes das entrevistas dos professores



Fonte: Gehling (2022)

Caso o leitor tenha interesse em ler as entrevistas transcritas, é bem provável que ele vislumbrará algumas intersecções entre as subcategorias, o que se dá pela potência dos discursos orais, em que o entrevistado fala “misturando” assuntos e vivências que o pesquisador tenta, às vezes, separar. Sendo assim, para a escrita da dissertação, foi necessário se realizar algumas escolhas (por exemplo: apresentar determinado trecho de uma fala em “estresse” é uma escolha interpretativa do pesquisador; tal trecho, na escrita de outra pessoa, poderia acabar aparecendo em “alteração do colesterol” ou “pressão alta”, já que muitas vezes o estresse desencadeia essas reações no organismo).

### Das narrativas dos professores: algumas análises

Tendo manipulado a Análise de Conteúdo, retoma-se aqui a questão de pesquisa, para tentar respondê-la: *O que as narrativas dos professores permitem inferir sobre as marcas da pandemia da COVID-19 sobre o corpo dos professores de matemática do ensino fundamental?* Para respondê-la, adentra-se à categoria “Marcas do Corpo” e, na sequência, às subcategorias que estão associadas ao emocional e ao físico dos professores.

Com relação às marcas **emocionais**, apareceram indicadores de **medo, angústia, irritação, decepção, estresse, insônia e ansiedade**.



O **medo** foi observado nas falas dos professores  $\alpha$ ,  $\gamma$  e  $\delta$ , porém de formas diferentes<sup>6</sup>. Neste primeiro excerto, percebe-se que o professor não verbalizou a palavra “medo”, e sim um “friozinho na barriga”, que, de certo modo, o equivale.

*Aquele friozinho na barriga assim de vez em quando... né... que vai ficar gravado à aula síncrona, então aí não podia errar, não podia falar bobagem, tinha que estar assim, tudo muito claro também porque por ficar gravado vai saber quem vai assistir, única coisa é isso, do resto assim, não. Claro, a gente, medo não, mas mais cautela, isso sim, muito cuidado com tudo que se faz, tudo que se fala, tudo que recebe de retorno, tinha que ser tudo muito cuidadoso, isso sim, mas medo não (Professor  $\alpha$ ).*

$\gamma$  relata que sentiu medo, mas não muito, pois sempre se sentiu tranquila nas situações de pandemia. Contou:

*Eu estava tranquila em relação ao medo da pandemia (COVID). [Silêncio]. Quando estipularam aqui na cidade que todo mundo deveria ficar em casa, eu segui as orientações recomendadas. Não que eu tivesse muito medo, sempre pensei que o que era para ser, é pra ser, se eu tivesse que pegar, pegaria, sempre fui bem tranquila quanto a isso (Professora  $\gamma$ ).*

O medo apareceu na maioria das falas dos entrevistados: dos quatro professores, apenas o professor  $\beta$  não relatou a palavra. Os medos enfrentados por parte dos entrevistados foram em níveis diferentes. O medo apareceu não tanto ligado à sobrevivência, mas ao desafio de dar conta das tarefas profissionais, algo documentado por Andrade (2020):

O medo de não dar conta das tarefas foi observado entre os professores (na maioria mulheres) que adoeceram ainda mais nesses tempos de pandemia causada pela COVID-19. Elas se sentem sobrecarregadas e frustradas por achar que não vão dar conta da demanda de trabalho que aumentou. Tem ainda o medo de não dominar as tecnologias de ensino remoto onde os dados encontrados apontam que 84,6% dos professores(as) tiveram dificuldades com o trabalho remoto (Andrade, 2020, p. 39).

Os professores  $\alpha$ ,  $\gamma$ ,  $\beta$ ,  $\delta$  também vivenciaram momentos de **angústia**. Para o professor  $\alpha$ , a angústia se deu devido à falta de contato com as pessoas e por se sentir preso em casa, o que fez com que tivesse que mudar a sua rotina.

*Aí sim, tanto que eu tive até que consultar porque fiquei... ahhh... e me senti preso só em casa, minha pressão subiu, meu colesterol subiu, me obriguei a ir pra academia, tive que mudar a minha rotina... e... obrigado... Fui obrigado a mudar de [silêncio] isso me deixou angustiado sim, fiquei... bah!!!... teve uns dias assim que muito mal, precisava ir um final de semana sim e um não pra fora [interior da cidade], na minha irmã, nem que eu ia sozinho (Professor  $\alpha$ ).*

<sup>6</sup> Para cada indicador serão apontados os professores cujas falas o manifestaram, embora nem todas estejam aqui transcritas, devido à delimitação de páginas do artigo.



A professora  $\gamma$  viveu esta situação de angústia pelo mesmo motivo, o que ela amenizava passeando de bicicleta na praia.

*[A falta do]contato de pessoas eu senti muito, mas colocava a máscara e ia dar uma volta na praia de bicicleta. Eu sempre fui de trabalhar, de sair e isso senti falta (Professor  $\gamma$ ).*

As falas possibilitam compreender que todos os entrevistados tiveram angústias neste período, cada um à sua maneira, e por diferentes motivos, como angústia pelas coisas mutantes, por não saberem desenvolver o seu trabalho como docente, pela falta do contato das pessoas e/ou por ficarem muito tempo presos dentro de casa.

O artigo publicado por Barreto e Santos (2021) comenta esta situação:

A pandemia evidencia as fragilidades da formação docente e ressalta as características da precarização do trabalho, uma vez que a grande maioria dos educadores tem dificuldades de lidar com as questões tecnológicas. Assim, os docentes que não aceitavam o trabalho online, de repente foram forçados a fazê-lo. Muitos descobriram que são analfabetos digitais, o que tem provocado angústia e exaustão, visto que sem nenhum preparo as instituições de ensino passaram a exigir do professor habilidades com as ferramentas tecnológicas (Barreto; Santos, 2021, p. 237).

Outra marca a ser destacada é a **irritação**. A professora  $\beta$  narrou dois momentos em que se irritou: o primeiro quando perdeu tudo o que havia feito, após ter trabalhado em um final de semana para dar conta das atividades, pois não salvou seu trabalho ou teve problemas na internet, e precisou refazer tudo; o segundo com relação à quantidade de coisas para fazer, pois os gestores mudavam, em pouco tempo, as indicações de como os professores deveriam realizar as tarefas, gerando constante incerteza.

*Olha, raiva só um dia que dei um chutão [muitas risadas] num banquinho [risadas novamente]. Em 2018 eu quebrei a patela, agora só falta ter quebrado a outra do outro joelho, foi uma explosão de raiva. Não me lembro mais o que eu tinha feito e tinha perdido, e... me deu essa explosão de raiva... foi num final de semana... Mas foi uma das mais fortes que eu tive. Mas pensei, te acalma, tá terminando o trimestre e tá... tá... tá (Professora  $\beta$ ).*

*Quanto ao mental, muita pressão, também, assim, [...] nos passavam uma informação e dali a pouco já não era aquilo e a gente tinha que refazer as coisas, então isso dava uma certa irritação e ia desgastando a gente emocionalmente, e o emocional, o próprio estresse de muita coisa para fazer e uma hora era de um jeito, outra hora era de outro jeito, uma incerteza e tudo isso acarretava no emocional da gente e às vezes tinha horas que a gente ficava..., mesmo eu sendo uma pessoa paciente, às vezes a gente ficava impaciente porque é muita coisa para ser feita e muita coisa para ser resolvida e então é isso aí, às vezes dor de cabeça, tinha horas que a gente não enxergava mais para fazer as coisas. Muita pressão (Professora  $\beta$ ).*



Conforme as declarações dos entrevistados, esta subcategoria revelou momentos delicados do exercício de ser professor, como trabalhos perdidos, o fato de estar trabalhando no final de semana para poder dar conta das exigências estabelecidas e a sobrecarga de atividades atribuídas aos docentes. Assim, nas entrevistas realizadas, percebe-se uma certa irritação dos professores, devido à grande quantidade de tarefas para serem cumpridas e resolvidas, o que corrobora com o disposto por Silva (2021):

O alto teor de exigências em relação às competências e habilidades dos professores, para que tenham excelência em sua prática, é apontado pelos estudos como sendo o principal determinante que prejudica a saúde do professor (Rondini; Silva, 2022, p. 38).

Ressalta-se, a partir das falas, a quantidade de problemas causados aos professores pelas exigências e multitarefas impostas a eles. Neste contexto, surge a **decepção**, que a professora  $\beta$  relata, por conta do aumento da quantidade dos mecanismos a que devia prestar contas.

*Decepção da estrutura, do mecanismo. Porque a gente se pergunta: o que foi feito em relação ao aluno, melhor pra ele? E aí eu acho que ainda ficaram... Um apoio em nosso serviço, em vez de reduzir, simplificar, não... só aumentava a quantidade de mecanismo que devíamos prestar conta, isso só aumentava, tanto é que fomos janeiro adentro, no ano passado, sem férias, recuperando aluno. Eu achei muito serviço para o professor. (Professora  $\beta$ ).*

Nesta fala, a professora desafiava sobre a quantidade de serviço que o professor teve no momento na pandemia, o que causou esta decepção com relação à estrutura e ao mecanismo da educação imposto aos professores.

Essa e outras falas dos colaboradores deixam transparecer que os professores se sentiram **estressados** por motivos variados. Para a professora  $\gamma$ , o estresse foi por não poder sair de casa, visto que as aulas presenciais foram canceladas e que o tempo de isolamento passou a ser cada vez maior, indefinido.

*Foi um pouco estressante no início, ali por março. Quando as aulas presenciais foram trancadas, pensei que não seria por muito tempo, acreditava ser até a Páscoa... Quando sentia falta de sair um pouco de casa, colocava a máscara e dava uma voltinha na praia, normalmente por volta do meio dia, quando tinha menos movimento. Até a Páscoa foi tranquilo na escola, fomos realizando revisão dos conteúdos. E como era revisão, os alunos não tinham muitas dúvidas. Quando veio o aviso da escola que não iríamos retornar ao modo presencial e teríamos que seguir com os conteúdos, confesso que gerou um certo estresse em como realizar essas aulas com conteúdos novos. Nunca entrei em pânico, mas o fato de tu estar só em casa, de perder a tua rotina, de parar de ver pessoas, de parar de conversar com os colegas da escola e com os alunos, gerou um pequeno estresse (Professora  $\gamma$ ).*



*Tentei me adaptar nessa parte também, indo visitar somente as pessoas mais próximas: pai e mãe e irmãs, mas... foi um pouco difícil. Não é que isso me adoeceu, mas teve um período de estresse, de não aguentar mais ficar só em casa, de ter que elaborar aula e tu não ter vontade de sentar na frente do notebook. Pequenas coisas geravam um estresse às vezes, por exemplo: quando eu estava gravando um vídeo e um cachorro começava a latir sem parar, tinha que parar e começar tudo de novo. Parei de ver TV, porque eram só notícias ruins, acredito que isso não estava fazendo bem para ninguém (Professora  $\gamma$ ).*

Já a professora  $\beta$  nega ter tido estresse, mas ela usa o termo “cansaço” e dá tanta ênfase a ele que esse parece não passar, ainda que inconsciente, de um caso de eufemismo:

*Não cheguei a ter estresse, mas quase eu acho, [risadas] olhe que quase, eu achei muito cansativo o processo, me sentia cansada porque tu trabalhava sábado, trabalhava domingo, tu tinha que... Eu me sentia cansada (Professora  $\beta$ ).*

A professora  $\delta$  culpa o estresse pelo fato de os índices do seu colesterol terem disparados. Ela relatou:

*Agora eu acho que os mais antigos e os... ou aqueles com mais idade, mas que estão no magistério há pouco tempo, pensaram em desistir, até em função do estímulo do plano de carreira, que nem cabe aqui falar, não é isso. Mas, por várias razões afetou, principalmente no requisito de saúde mental. O meu problema foi [risada] o açúcar né, que chegou num ponto que se desestabilizou total que com a medicação que eu usava, dobrou. Eu acredito que seja alguma coisa em função do estresse, porque eu estava estressada (Professora  $\delta$ ).*

Esta subcategoria permitiu vislumbrar que os professores ficaram estressados por permanecerem muito tempo em casa, trancados, sendo que alguns podem ter chegado a pensar em desistir da profissão, pelo cansaço. Segundo Andrade (2020),

Com a pandemia, os professores foram obrigados a ficar em casa, o que não significou que não iriam trabalhar, pelo contrário, o seu trabalho só aumentou, pois as tarefas domésticas se somaram com os trabalhos da escola. Aprender a usar as tecnologias fez com que esse profissional tivesse uma intensificação de trabalho e o estresse, a angústia, logo afetaram a saúde mental do professor (Andrade, 2020, p. 26-27).

Tais sensações foram documentadas, também, por outros pesquisadores:

A COVID-19 não trouxe a precarização e o adoecimento do trabalhador e sim, tornou-o mais evidente, mostra-se como uma constante e invisível ameaça da qual não temos o controle, provoca temor e morte, oscilações emocionais, mudança de rotina, sobreposição de papéis; excesso de informações sobre a pandemia e Fake News ampliando o estresse e a ansiedade, além destes fatores há consequências econômicas e sociais (Pontes; Rostas, 2020, p. 284-285)

Com a preocupação com o trabalho docente e as aulas remotas, a **insônia** foi um fator ressaltado na entrevista da professora  $\delta$ , que ela atribuiu ter vivenciado devido ao fato de ter que planejar e ministrar suas aulas em formato remoto.



*Outra coisa: a insônia, te batia uma insônia, até agora eu ainda não estou conseguindo dormir normal como eu dormia antes. Sempre perdia o sono, acordava de madrugada, ahhh... porque amanhã tenho aula com aquela turma, eu fiz isso, será que vai dar certo... eu fiz aquilo, será que vai dar certo, será que vai dar tempo bom, será que a internet vai funcionar? (Professora  $\delta$ ).*

*Bahh, eu tive muita ansiedade, e até pânico. Chegava domingo à tarde, começava uma ansiedade, a insegurança, tinha vontade de fugir, porque sabia que segunda-feira tinha aula remota, meet, etc. Muita insônia, aumento da taxa de glicose. Parece que estava sempre tensa. Não relaxava (Professora  $\delta$ ).*

Nos excertos anteriores,  $\delta$  deixa claro que sua insônia estava associada ao trabalho, o que corrobora as palavras de Andrade (2020), cuja citação não dá espaço para dúvidas:

Quanto à saúde emocional, foram relatadas noites de sono perdidas (o que pode gerar ansiedade), preocupação com o aprendizado dos alunos, cobrança excessiva, falta de recursos. Todos esses fatores somados podem causar problemas na saúde mental dos professores (Andrade, 2020, p. 31).

A sensação de **ansiedade** foi outro marco nas entrevistas, como se pode perceber nas falas do professor  $\alpha$ :

*Desta parte o sentimento é a ansiedade, a gente fica frustrado, porque a gente queria trabalhar muito mais com o nosso aluno e não tinha como, o aluno não tinha acesso, sensação de estar deixando a desejar, porque a gente poderia fazer um pouco mais, mas a gente ficava com as mãos amarradas, não tinha como ajudar mais, que isso era uma via de mão dupla, não adiantava só o professor se desdobrar (Professor  $\alpha$ ).*

*[...] e a parte emocional, assim, a ansiedade bateu, por eu ficar muito em casa, por ser muito comunicativo, estar sempre, sempre as mesmas pessoas, estar com medo de pegar COVID-19 e de passar para alguém e de se agravar a situação, e aos poucos a gente foi melhorando isso, tanto na questão física quanto na questão psicológica, e trabalhando isso em mim mesmo, que tudo iria passar bem (Professor  $\alpha$ ).*

Nestas falas transcritas, o professor entrevistado ressalta ter sentido ansiedade pelo motivo de querer trabalhar melhor com os alunos e não lograr êxito, devido às limitações das aulas remotas, e também por, sendo muito comunicativo, ter que ficar em isolamento. Sobre isso, Freitas *et al.* (2021) afirmam:

O estresse, assim como a ansiedade, surge como consequência direta dos persistentes esforços do indivíduo em se adaptar a sua situação existencial ou a alguma experiência que gera sentimentos de tensão, ansiedade, medo ou ameaça, que pode ser de origem interna ou externa. O estresse é quase sempre visualizado como algo negativo que ocasiona prejuízo no desempenho global do indivíduo (Freitas *et al.*, 2021, p. 284).

Além das marcas emocionais, foi possível evidenciar, a partir das falas dos professores, marcas que ficaram no corpo **físico**, as quais são descritas a seguir. As



narrativas pontuam reações do organismo, tais como **pressão alta, ardência nos olhos e dores no corpo, cansaço e alteração de colesterol.**

A **pressão alta** é um dos males que afetou o professor  $\alpha$ , segundo ele, pelo motivo de estar somente dentro de casa.

*Eu tive que cuidar da minha pressão lá nas alturas, corri o risco de ter que tomar remédio, mas sobrevivi bem, graças a Deus não foi tanto (Professor  $\alpha$ ).*

*Meu corpo físico, eu me obriguei a ir à academia porque fiquei muito tempo parado, só dentro de casa. Como disse antes, minha pressão subiu, então precisei fazer atividade física, o que foi de certa forma bom, saí um pouco mais do sedentarismo (Professor  $\alpha$ ).*

Apenas o professor  $\alpha$  relatou o problema de pressão alta, mas destaca-se que a mesma subcategoria aparece em outros momentos da sua entrevista.

Foram relatadas, também, nas narrativas dos professores participantes deste estudo, **ardência nos olhos e dores no corpo**, caso das professoras  $\delta$ ,  $\gamma$  e  $\beta$ .

*Ardência nos olhos e dor nas costas também, mas o pior foi lidar com a insegurança e ansiedade (Professora  $\delta$ ).*

*Bem, o que eu senti físico, dependendo do dia, dores no corpo, porque a gente ficava muito tempo sentada, às vezes dores na mão para digitar, dor nas costas, dores assim, como vou te explicar, na lombar, nas costas na parte assim de cima, na parte da nuca, acho que é lombar que se diz, então claro... como a gente ficava muito tempo, às vezes a postura correta, eu perdia e não ficava (Professora  $\beta$ ).*

Nas transcrições da entrevistada  $\beta$ , há relatos de dores no corpo, assunto que já havia sido pautado por Andrade (2020) que, em seus estudos, destacou:

Quanto à saúde física, foi possível observar, nas narrativas, aspectos como: dores nas mãos, pés inchados com frequência, dores nas costas e vista cansada. (Andrade, 2020, p. 39).

Já uma sensação de grande **cansaço** afetou as professoras  $\gamma$  e  $\beta$ . Segundo elas, sentiram-se assim por não estarem acostumadas a fazer os vídeos, por ficarem muito tempo sentadas à frente do notebook ou celular nos atendimentos aos alunos, e por não terem um vasto conhecimento para o uso das tecnologias digitais.  $\gamma$  destacou:

*Quanto ao cansaço mental e emocional, eu sou muito calma e não me afetou muito. Às vezes ficava esgotada de ficar ali na frente do notebook ou celular, respondendo toda a hora. Às vezes fazia vídeos e não ficavam bons, fazia novamente, isso gerou um cansaço grande algumas vezes, até porque tudo era novidade. Não estávamos acostumados a fazer vídeos e os primeiros foram bem trabalhosos, pois fazia várias vezes para ver se estava bom, alterava a fala, umas explicações para ver se tinha ficado bem claro. (Professor  $\gamma$ ).*



Ainda sobre as reações físicas, alguns professores contaram que tiveram **alteração de colesterol**, o que atribuíram ter sido consequência do estresse vivido e, também, por ficarem muito tempo em casa.

*Lá no início de 2020 tive alteração da pressão, do meu colesterol em função de ficar muito tempo em casa, tive que me adaptar nestas questões também, mas depois fui me acostumando (Professor  $\alpha$ ).*

*O meu problema foi [risada] o açúcar né, que chegou num ponto que se desestabilizou total que com a medicação que eu usava, dobrou. Eu acredito que seja alguma coisa em função do estresse, porque eu estava estressada (Professora  $\delta$ ).*

Outros excertos sobre as subcategorias elaboradas na pesquisa poderiam ser aqui apresentados, porém isso tornar-se inviável devido à limitação de espaço do artigo<sup>7</sup>. De fato, os relatos aqui trazidos são um compilado dentre todos os relatos de quatro professores de matemática das séries finais do ensino fundamental, da cidade de São Lourenço do Sul, entrevistados nesta pesquisa. Este pequeno recorte não deixa dúvidas da abundância de “marcas” negativas que ficaram nos corpos professores, sejam elas emocionais ou físicas, por conta das circunstâncias vivenciadas em suas práticas docentes, no período da pandemia de COVID-19.

Todavia, se o leitor voltar à Figura 2, perceberá que foi encontrada uma marca positiva entre as outras que foram apresentadas, a qual aparece apenas na entrevista da professora  $\beta$ . Ela relata ter sentido **felicidade** quando os alunos produziram (Professora  $\beta$ ), e acrescenta: *Felicidade é ver a alegria dos alunos se formando e fica assim: pô, aquele aluno conseguiu (Professora  $\beta$ ).*

### Considerações finais

As categorias mostram que a hipótese elaborada para a pesquisa – a de que a pandemia de COVID-19 havia deixado marcas sensíveis nos corpos dos professores – estava correta e que a pandemia realmente maltratou, de certo modo, o corpo dos professores, tanto física quanto emocionalmente. A pandemia não foi vivenciada somente de forma coletiva – como os cuidados para que o vírus não se espalhasse, o fato de as pessoas não poderem sair de casa, a obrigação de usarem máscaras e a espera pela vacina –; ela atingiu as pessoas nas suas particularidades, nas suas rotinas, nos seus cotidianos e, inclusive, nos seus corpos. Assim, se pode inferir, deste estudo, que a pandemia deixou

<sup>7</sup> À guisa de informação, a transcrição completa das entrevistas ocupa 32 páginas da dissertação (Apêndice).



marcas nos corpos dos trabalhadores da educação – marcas que talvez necessitem de um bom tempo para serem apagadas ou superadas.

Os últimos anos trouxeram, de forma constante, muitas cobranças e desafios aos docentes, tanto fora quanto dentro da escola; tais questões têm acarretado esgotamento e adoecimento docentes, muito embora se perceba todo um discurso que menospreza estas sensações e tenta normalizar os experiências pós-pandemia como se o trabalho docente sempre tivesse sido assim, neste ritmo, com esta sobrecarga de obrigações e com esta necessidade de se assumir uma postura multitasking.

Muitos professores sobreviveram à pandemia – infelizmente, não todos. São os relatos dos sobreviventes que podem ajudar a se construir reflexões sobre o tempo presente, sobre as marcas que ficaram, sobre possíveis ajudas que talvez os professores estejam precisando para lidar com o vivido; e, a partir disso, avaliar o desejo de se prosseguir nesta direção ou, como diz Morin (2020) no título do seu livro, “mudar de via”.

Com relação aos próximos anos, ainda não é possível saber o que acontecerá com as marcas deixadas nos corpos dos professores, pois o vivido ainda é muito recente, ainda é incerto: elas desaparecerão, se transformarão, seguirão doendo? Novas pesquisas, quiçá, conseguirão trazer respostas a estas indagações.

## Referências

AFFONSO, Claudia. Apresentação. In: AFFONSO, Claudia *et al.* (Orgs.). **Trabalho docente sob fogo cruzado**. Rio de Janeiro: Laboratório de Políticas Públicas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2021.

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

ANDRADE, Elizabete Rodrigues da Silva de. **Adoecimento no trabalho docente em tempos de pandemia**: impactos na saúde dos professores dos anos iniciais de uma escola da rede pública do DF. 2020. 48 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2020.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BARRETO, Andreia C. F.; SANTOS, Jaciara de O. S. A inviabilidade docente em tempos de pandemia: das Políticas às Práticas. **Revista Latino-Americana de Estudo Científico**, v. 2, n. 10, p. 232-241, 2021.



BAUMANN, Zygmunt. **Tempos Líquidos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 2007.

BRASIL. **Portaria Nº 343**, de 17 de março de 2020. Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do Novo Coronavírus - COVID-19. Portaria nº 343 - D.O.U. 18/03/2020. Disponível em: <http://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-343-de-17-de-marco-de-2020-248564376>. Acesso em: 03 de maio de 2021.

CERTEAU, Michel de. **História e psicanálise: entre ciência e ficção**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

COUTO, Edvaldo S.; COUTO, Edilece S.; CRUZ, Ingrid de M. P. #FIQUEEMCASA: educação na pandemia da covid-19. **Interfaces Científicas-Educação**, v. 8, n. 3, p. 200-217, 2020.

FICO, Carlos. História do tempo presente, eventos traumáticos e documentos sensíveis: o caso brasileiro. **Varia História**. v. 28, n. 47. p.43-59, jan/jun. 2012.

FREITAS, Ronilson F.; et al. Prevalência e fatores associados aos sintomas de depressão, ansiedade e estresse em professores universitários durante a pandemia da COVID-19. **Jornal brasileiro de psiquiatria**, v. 70, n. 4, p. 283-292, 2021.

FREITAS, Sonia M. de. Prefácio à Edição Brasileira. In: THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. p. 14-19.

GEHLING, Carla Gebhardt. **Narrativas de professores de Matemática sobre o exercício da docência no período pandêmico: marcas que ficaram nos corpos**. 2022. 125 f. Dissertação (Programa de Pós-graduação em Educação) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia, Pelotas, 2022.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis: Vozes, 2020.

MORIN, Edgar. **É hora de mudarmos de via: as lições do coronavírus**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil Ltda, 2020, p. 97.

PONTES, Fernanda Rodrigues; ROSTAS, Márcia Helena Sauer Guimarães. Precarização do trabalho docente e adoecimento: COVID-19 e as transformações no mundo do trabalho, um recorte investigativo. **Thema**, v. 18, p. 278-300, 2020.

RIO GRANDE DO SUL, Secretaria da Educação do. **Internet patrocinada está disponível para alunos e professores da rede estadual**. 2021. Disponível em: <https://educacao.rs.gov.br/internet-patrocinada-esta-disponivel-para-alunos-e-profes-sores-da-rede-estadual>. Acesso em: 26 jul. 2021.

RONDINI, Carina Alexandra; SILVA, Bárbara Maria Costa. **Paradoxos da Escola e da Sociedade na Contemporaneidade: volta às aulas: mais um ato de genocídio no Brasil**. Associação Brasileira de Editores Científicos, Porto Alegre, 2022.



RUSSELL, Bertrand. **O elogio ao ócio**. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.

SILVA, Amanda Moreira da. Da uberização à youtuberização: a precarização do trabalho docente em tempos de pandemia. **Revista trabalho, política e sociedade**, Rio de Janeiro, n. 9, jul./dez. 2020.

THOMPSON, Paul. **A voz do Passado**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VALENTIM, J. V. “A pandemia foi apenas o despertar que nos acordou a todos”: doenças, dis/(u)topias e resistências em “Em todas as ruas te encontro”, de Paulo Faria. **Revista Desassossego**, v. 13, n. 25, p. 4-36, 2021.

ZIZEK, Slavoj. **Um paradoxo para o pós-pandemia**. Disponível em: <https://outraspalavras.net/outrasmidias/zizek-um-paradoxo-para-o-pos-pandemia/>. Acesso em 08 de novembro de 2022.

**Recebido em:** 03 / 06 / 2024  
**Aprovado em:** 25 / 09 / 2024